

**Descrição:** Um católico que rejeita a fé e adota a Filosofia e posteriormente aceita o Islã, devido a muitas perguntas não-respondidas. Parte 2: O estudo da Filosofia e a leitura do Alcorão.

Por N.K.

Publicado em 20 Jul 2009 - Última modificação em 22 Sep 2019

Categoria: [Artigos](#) > [Histórias de Novos Muçulmanos](#) > [Homens](#)

---

Estudei filosofia na universidade e ela me ensinou a fazer duas coisas com quem quer que reivindique ter a verdade: O que você quer dizer e como você sabe? Quando fiz essas perguntas às minhas próprias tradições religiosas, não encontrei respostas e percebi que o Cristianismo tinha escorregado de minhas mãos. Então embarquei em uma busca que talvez não seja estranha a muitos jovens no Ocidente, uma busca por significado em um mundo sem sentido.

Comecei onde tinha perdido minha crença anterior, com os filósofos, ainda querendo acreditar, buscando não a filosofia, mas uma filosofia.

Li os ensaios do maior pessimista, Arthur Schopenhauer, que ensinou sobre o fenômeno das idades da vida, e que dinheiro, fama, força física e inteligência passarão com a passagem dos anos, mas apenas a excelência moral permanecerá. Aprendi essa lição e lembrei-me dela depois de anos. Seus ensaios também chamavam a atenção para o fato de que uma pessoa costumava repudiar nos anos posteriores o que abraçava de forma ardente no calor da juventude. Com um desejo presciente de encontrar o Divino, decidi me imbuir com os argumentos mais convincentes do ateísmo que pude encontrar, porque talvez pudesse encontrar uma forma de sair deles depois. Então li as traduções de Walter Kaufmann das obras do defensor da imoralidade Friedrich Nietzsche. O gênio multifacetado dissecou os julgamentos morais e crenças da humanidade com argumentos filológicos e psicológicos brilhantes que terminaram na acusação da linguagem humana em si, e a linguagem da ciência do século 19 em particular, de ser tão inerentemente determinada e mediada por conceitos herdados da linguagem da moralidade que em sua forma presente não podiam jamais ter esperanças de descobrir a realidade. Colocando de lado o seu valor imunológico contra o ceticismo total, as obras de Nietzsche explicavam porque o Ocidente era pós-cristão, e de forma precisa predizia a selvageria sem precedentes do século 20, derrubando o mito de que a ciência podia funcionar como uma substituição moral para a agora religião morta.

A nível pessoal, suas tiradas contra o Cristianismo, particularmente na Genealogia da Moral, me deram o benefício de destilar as crenças da tradição monoteísta em um pequeno número de formas analisáveis. Ele separou conceitos não-essenciais (como o espetáculo bizarro do suicídio de uma deidade onipotente na cruz) dos essenciais, que sei, embora sem acreditar neles, compreendia serem apenas três: que Deus existia; que Ele criou o homem no mundo e definiu sua conduta esperada nele; e que Ele julgaria o homem adequadamente na outra vida e o enviaria para a recompensa ou punição eternas.

Foi durante esse período que li uma tradução do Alcorão que relutantemente admirei, entre reservas agnósticas, pela pureza com a qual apresentava esses conceitos fundamentais. Mesmo falsas, pensei, não podia haver uma expressão mais essencial de religião. Como trabalho literário, a tradução não era inspirada e era abertamente hostil ao assunto, embora eu soubesse que o original árabe era amplamente reconhecido por sua beleza e eloquência entre os livros religiosos da humanidade. Senti um desejo de aprender árabe para ler o original.

Em casa, de férias das aulas, estava andando em uma estrada poeirenta entre alguns campos de trigo e aconteceu do sol se pôr. Por alguma inspiração, percebi que era um momento de adoração, um momento de se prostrar para Deus. Mas não era algo que alguém pudesse apoiar-se em si mesmo para fornecer os detalhes, mas ao contrário, uma fantasia passageira, ou talvez o começo de uma conscientização de que o ateísmo não era uma forma autêntica de ser.

Levei comigo um pouco dessa inquietude quando me transferi para a Universidade de Chicago, onde estudei a epistemologia da teoria ética, como os julgamentos morais são alcançados, lendo e procurando entre os livros dos filósofos por algo que lançasse uma luz sobre a questão da falta de significado, que era ao mesmo tempo uma preocupação pessoal e o centro dos problemas filosóficos de nossa época.

De acordo com alguns, a observação científica podia apenas produzir afirmações de descrição da forma X ser Y, por exemplo. O objeto é vermelho, seu peso é dois quilos, sua altura é dez centímetros, e assim por diante, nos quais o funcional fosse um 'é' verificável cientificamente, enquanto que nos julgamentos morais o elemento funcional era um 'deve', uma afirmação de descrição que nenhuma observação científica podia medir ou verificar. Parecia que 'dever' era logicamente sem significado, e com isso todo tipo de moralidade, uma posição que me lembrou daquelas descritas por Lucian em seu alerta de que quem quer que veja um filósofo moral vindo pela estrada deve fugir dele como de um cachorro louco. Para essa pessoa, a conveniência governava, e nada verificava seu comportamento exceto o que era conveniente.

O endereço web deste artigo:

<http://www.islamreligion.com/pt/articles/93>

Copyright © 2006-2015 [www.IslamReligion.com](http://www.IslamReligion.com). Todos os direitos reservados.